

a sentida heroica da vida

«O heroísmo da realidade exige o romantismo».

Máximo Gorki

«O heroísmo individual só ganha um sentido fecundo quando se integra num destino colectivo e tende a transformá-lo.»

André Malraux

As duas grandes tendências do romance moderno são o neo-realismo e o neo-romantismo. Quando num artigo, há tempos publicado em «O Diabo», falámos da primeira destas correntes foi o escritor brasileiro Amado Fontes, autor de «Os corumbas» quem nos serviu de motivo. Ao focarmos agora a segunda, é Jorge Amado, ainda um brasileiro, quem, do escritores de língua portuguesa, nos parece merecer maior interesse. No pobre movimento literário português não existia antes da saída de «Gibéus» (1940), o belo romance de Alves Redol, qualquer tentativa séria de romance com esta tendência. Ainda se não ultrapassou por cá o naturalismo (Ferreira de Castro, etc.) ou o romance subjectivista, introspectivo ou auto-biográfico (Gaspar Simões, Régio, Miguel Torga). O desinteresse pelos problemas da nossa época, uma mistificação consciente ou inconsciente desses problemas, uma perspectiva *aliterada* da vida, mantêm os nossos romancistas, no estado de fosséis, ligados a modas literárias do seu tempo de jovens.

Evidentemente que não existe na nossa parte desprezo ou renúncia pelas maravilhosas experiências humanas que o naturalismo e o romance introspectivo nos deram. Ninguém pode hoje esquecer, sem cometer um atentado grosseiro, toda uma gloriosa época do romance que vai de Dostoiévski a Gide, como não pode esquecer-se a obra dum Zola ou dum Flaubert, onde se há bastante de inaceitável existe muito de precioso. Simplesmente uma nova mentalidade surge neste meado de século, uma nova consciência se forja neste longo debater de crises dum civilização que finda, e a inquietação dos *espíritos* não corresponde já, no momento actual, a arte dos Proust, dos Lawrence, dos Mann. O nosso tempo tem outros romancistas, que um preconceito literário qualquer não pode diminuir. Não falando de Gorki, são um

John dos Passos, um Nizan, Malraux, Ostrovski, Jorge Amado, Aragon e tantos outros.

Não é preconceito político, como tantos querem fazer crer, o que nos leva a preferir esta literatura àquela. É algo de mais concreto, real e inegável: a existência dum nova concepção do mundo, dum nova maneira de viver, dum outra consciência.

São notáveis algumas críticas feitas ao romantismo mesmo durante o sec. XIX. Entre elas avulta a de Paul Lafargue, temperamento crítico de extraordinária energia e agudeza, que é quem pela primeira vez utiliza o *diamat* na crítica literária. E vai tão fundo essa crítica, que hoje, ao falar-se dum novo romantismo, cumpre analisar em que medida esta crítica se aplica a este neo-romantismo.

«A literatura, dizia M.me de Staël, é a expressão da sociedade». Acrescente-se, ou melhor, precise-se que a arte é a expressão da luta na sociedade—que não existe arte sem tendência. Para Lafargue o romantismo é a literatura da burguezia triunfante de 89. Analisando «de lápis na mão» todo o movimento romântico, consegue estabelecer a relação entre a expressão literária e a estrutura social, e denunciar o carácter do romantismo que «traduz as paixões, as ambições e as esperanças, as idéas e os sentimentos de todos esses Renés enriquecidos na pilhagem dos bens nacionais, dos viveres, dos fornecimentos, que temiam perder o adquirido». A necessidade de manter uma estabilidade encontrada, uma situação dominante, de ludir as contradições que impeliam à rutura desse equilíbrio, obriga os vencedores de ontem a repudiarem as grandes armas da sua vitória: o amor da verdade, do real, a ansia de progresso, que animou toda a parte ascendente da sua trajectória e se lê nos seus mais lídicos *teóricos* do sec. XVIII. Por esta razão, assiste-se, a par da deformação dos valores que criara para o seu triunfo, a um retorno à metafísica, ao subjectivismo, aos ideais cavallheirescos da Idade Média, à simpatia pelo feudalismo, ao amor do exótico, aos diálogos com Deus e os anjos, a um desprezo total pelo conhecimento científico. A arte aparece co-

mo separada das contingências da vida, submetida apenas às leis do *belo* e do *bem*. E', como diz Aragon, em *Retour à la Réalité*, numa expressão sangrenta, «a época do historicismo das grandes paixões, das grandes dores, da histeria, dos sentimentos não compartilhados;—tudo isto não é mais do que o somatório das ilusões, das ambições, das desilusões, das esperanças, dos jovens que sacudiam os tronos, crendo levar ao poder a liberdade para entronizar, afinal, o banqueiro Lafitte». Assim se reflete no romantismo o individualismo da Revolução francesa e, simultaneamente, uma desilusão acabrunhante, donde «a necessidade de tudo atribuir ao Acaso, à Fatalidade, lançando os espíritos na superstição», «atrás das frases grandiloquentes e das afirmações generosas nada mais do que os interesses sórdidos».

A esta crítica de Paul Lafargue anota Jean Tréville, na introdução às «*Critiques littéraires*» daquele escritor, e parece-me que com profunda razão: «Na realidade, três grupos se exprimem no romantismo: a nobreza desapaçada, que recorda a Idade Média, chora os tempos do seu domínio, se exalta à sombra das catedrais (esta nobreza trouxe ao romantismo os seus temas

retrogrados); a segunda é a burguezia que toma da nobreza alguns dos seus costumes e usos (aos temas daquela, junta certos motivos que idealizam os seus apetites coloniais e os tráficos—exotismo, atracção do Oriente e das Américas); a pequena burguezia faz ouvir no romantismo as suas impaciências e as suas revoltas, pois fóra esmagada pela concorrência e afastada da gestão da política e dos negócios». Em Portugal, por exemplo, o romantismo parece-me ser a expressão do liberalismo, do triunfo da pequena nobreza e da burguezia sobre os grandes senhores. Eis como se define o romantismo do sec. XIX como a expressão dum sociedade. O neo-romantismo é a projecção no futuro a perspectiva larga no tempo, das condições do presente. Não é utopia architectar nas relações concretas do actual, o futuro. O neo-romantismo tem como o neo-realismo uma base materialista. Eis como um crítico refere as relações entre estas duas correntes da literatura contemporânea:

«Habitualmente opunha-se o romantismo ao realismo. Era porque o romantismo se ligava quasi sempre ao idealismo, planando nas esferas metafísicas e «noutros mundos» e os sentidos emocionados do gran-

(Continuação da página sete)

directamente enfrentando a *ontologia* do universo, e a problemática *limitada*, *rétorica*, da metafísica contemporânea, que temos de pôr este problema: o Sr. António Sérgio traduziu McTaggart para brincar com os seus leitores?

Se lemos o prefácio do livro mais nos convencemos da incapacidade filosófica de António Sérgio em compreender a posição materialista. Servindo-se dum confusão infantil entre a relação homem-universo (não espírito-matéria que é uma maneira já *idealista* de colocar o problema de que se pretende tirar uma conclusão sobre o idealismo) para o conhecimento do mundo, e entre o problema da existência da matéria por si própria, António Sérgio faz sua a seguinte passagem de McTaggart: «O Espírito, porém, não se encontra no mesmo caso. Porque... certamente existe por si próprio, e não simplesmente para a Matéria. Ao passo que toda a natureza da Matéria como vimos, ficou reduzida à sua relação com o Espírito».

ALBERTINO GOUVEIA

na obra de Jorge Amado

de e do maravilhoso conduzem para fóra dos limites do mundo real. Em segundo lugar porque o realismo exprime um chamado «objectivismo» limitado. O romantismo, nas nossas condições, está ligado antes de mais nada à vida heroica. Não é orientado para um céu metafísico, mas para a terra, em todo o sentido da palavra: para a vitória e para a conquista da natureza. Por outro lado, o neo-realismo não é uma simples constatação da realidade, antes, tomando o fio da vida actual o conduz para o futuro dum modo activo. E' por isto que a oposição entre neo-romantismo e realismo é destituída de sentido.»

O neo-romantismo é pois a expressão dum imenso heroísmo, perspectiva que se «sonha», se constrói sobre os alances do real e se talha na conquista do futuro.

«Pseudónimo do neo-realismo ou seu prolongamento natural é totalmente afastado desse outro romantismo que o génio crítico de Paul Lafargue escalpelizou. Gorki distingue-os desta maneira lapidar: «E' indispensável considerar no romantismo duas tendências nitidamente diferentes: o romantismo passivo, que se esforça por conciliar o indivíduo com a realidade, embelezando-a, seja por voltar a realida-

de para um aprofundamento estéril do mundo íntimo, para os pensamentos sobre os *enigmas fatais da vida*, sobre o amor, sobre a morte; o romantismo activo reforça no homem a vontade de viver, provocando-lhe a reacção contra toda a opressão da realidade». Neo-romantismo é pois a expressão dum nova mentalidade que encontra na luta a sua razão de ser, cheia de dinamismo, de vontade—expressão ardente, alegre, real, dum novo espírito conquistador.

«Romance da Baía»: romance dos alugados de «Cacau», escravos da «Fazenda Fraternidade» dos coronéis; romance dos negros do Mórro, presos ainda ao seu mundo primitivo, ingénuo—ainda uma raça escrava; romance dos pescadores dos cais de «Mar Morto», «Suor», romance das vidas miseráveis que se roçam através dos tabiques do prédio 68 dum rua pobre da Baía, arquitetura dum angústia quotidiana em que se amassam os destinos daqueles que consomem as suas vidas na conquista diária dum pão parco, duro e amargo; história dos pequenos mendigos e ladrões, meninos abandonados das ruas da cidade, «Capitães da areia». «Romance da

Baía», romance cíclico dum cidade, exaltação do heroísmo anónimo, da coragem com que a maioria dum povo luta por uma vida precária.

O sentido heroico da obra de Jorge Amado encontra-se na reacção individual perante o ambiente. Reacção de carácter puramente biológico, instintiva, manifestada num inconformismo extremo ante as imposições da realidade, tocando por vezes o anti-social, que encontra depois a sua finalidade e a sua justa expressão no combate colectivo por uma vida mais justa, por uma dignificação do homem. Os heróis dos romances de Jorge Amado escolhidos nos meios pobres, ignorantes ou analfabetos, vivem dum espontâneo sentido da luta social, demarcado pelas circunstâncias em que decorrem as suas existências. São as contradições que se desenhavam aos seus olhos simples, as contradições de que tomam um conhecimento corpóreo, físico, entre dois mundos e dois modos de viver, que os levam a tomar as suas atitudes. São os factos que forjam as suas consciências.

A personalidade destes heróis caracteriza-se por uma rebeldia inata, pela generosidade, pela valentia, muitas vezes por uma certa crueldade—justo ressentimento—e, sobre-

tudo, por um amor imenso da vida. Viver corajosamente, passar sem vertigens pelos abismos, lutar sem desfalecimento, arrastados por um obscuro instinto de luta, eis a legenda destes heróis modernos.

«Todo o homem valente tem no coração uma estrela». Valente é António Balduino, o negro que fez da sua vida um A B C como esses que cantava, António Balduino, o que amou a vida e a aventura, o lutador de mil combates que soube com um só sentido no dia em que lado a lado pelejava com os outros homens por um bem comum; valente é Guma, é Zumbi dos Palmares, é Virgolino Lampião, que viraram estrela, como Livia que vai ao mar ganhar o pão do filho, ou Dora que viveu a vida dum *capitão da areia* e amou corajosamente a Pedro Bala. Mas se a obra de Jorge Amado é a exaltação deste heroísmo de que falámos, não é menos certo nunca serem esquecidas nos seus livros as condições ambientes em que a acção se desenrola. Sendo um escritor romântico, Jorge Amado é também um escritor materialista. «O heroísmo individual—como disse André Malraux—ganha um sentido fecundo ao integrar-se num destino colectivo e tende a transformá-lo».

JOAQUIM NAMORADO

(Continuação da página nove)

nossa voz, trabalhar com o nosso braço, fazemo-nos ao largo no barco das tempestades—precisamente porque a vida não é um mar de rosas.

Este, o mal-entendido por que começou o cepticismo do sr. Qualquer Coisa.

Por fim, trata-se dum mistificação, porque o sr. escolheu um caminho, e fez que não; organizou a sua vida de certa maneira, participou na luta de interesses, desempenhou um papel no drama «A Luta pela Vida», em cena todos os dias—e fingiu que se conservava

à parte, alheio a materialidades, circunspecto, sorridente—céptico.

O cepticismo esconde a posição, esconde a participação activa nos conflitos, esconde os interesses do sr. Qualquer Coisa, de todos os srs. Qualquer Coisa. «Definitivamente» bem instalados.

O cepticismo—este cepticismo particular—é uma arma mais, além do suborno e da prepotência aberta ou disfarçada.

UMBERTO DINIZ

«O Diabo» Grande semanário de literatura e crítica.

Publica em todos os números: Ensaio, literatura de ficção, páginas de antologia, movimento de idéias, cultura científica, economia; crítica de livros, teatro, artes plásticas, cinema, rádio e desportos; Revista das revistas, revista de livros, «Coisas de «O Diabo», etc.

«Livraria PORTUGALIA»

:: 75, Rua do Carmo—LISBOA ::

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Sempre as melhores novidades de Obras Literárias, Arte, Medicina, História, Direito, Economia, tanto nacionais como estrangeiras.

Serviço rápido de encomendas para todos os países da Europa e da América

Informações Bibliográficas sobre todos os assuntos

Fornecimento de livros para o Continente, Ilhas e Colónias.

Dirijam os seus pedidos à «PORTUGALIA»

75, Rua do Carmo—LISBOA: Telefone, 2091

Curso de Redacção e Estilo

Dirigido pelo antigo professor dos liceus e da Universidade, Dr. M. Rodrigues Lapa. Uma iniciativa cultural de elevado alcance, destinada a promover o ensino racional e científico do português falado e escrito, por meio da correspondência. A todos serve, novos e velhos, desde o operário até ao bacharel. Preparação intensiva para concursos, trabalhos especiais e provas públicas.

Pedir o prospecto explicativo, grátis e sem compromisso, ao

Centro de Estudos por Correspondência

Rua Newton, 3—LISBOA